



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS COM
HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

ELISANGELA BRUCE DA SILVA

O IMPACTO DO TEATRO E SUA INFLUÊNCIA NA FORMAÇÃO DE
PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

JOÃO PESSOA - PB

2019

ELISANGELA BRUCE DA SILVA

**O IMPACTO DO TEATRO E SUA INFLUÊNCIA NA FORMAÇÃO DE
PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em Letras Língua
Portuguesa, como requisito para obtenção do
título de Licenciatura.

Orientador (a): Prof^ª.Dr^ª. Luciana Eleonora de
Freitas Calado Deplagne.

JOÃO PESSOA – PB

2019

ELISANGELA BRUCE DA SILVA

**O IMPACTO DO TEATRO E SUA INFLUÊNCIA NA FORMAÇÃO DE
PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Universidade Federal da Paraíba ao
Curso de Graduação em Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa como requisito para
obtenção do título de Licenciatura plena em Letras Português.

Aprovado em: _____/_____/_____

Banca Examinadora

Prof^ª. Dr^ª. Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne
Universidade Federal da Paraíba
Orientadora

Prof^ª. Dra. Edileide de Godoi
Universidade Federal da Paraíba

Prof^ª. Dra. Edilza Maria Medeiros Detmering
Universidade Federal da Paraíba

DEDICATÓRIA

Aos meus pais e a meu esposo.

AGRADECIMENTOS

A Deus primeiramente, que tenho certeza, me acompanhou durante toda esta jornada.

Agradeço aos grandes amores de minha vida, a minha mãe Marijalma, meu pai Bruce, e ao meu esposo Amarildo se estendendo a toda minha família, que contribuíram com palavras de apoio, incentivo, carinho e amor, e que sempre me estimularam a acreditar neste sonho.

Agradeço também o apoio dos meus amigos Aline Ferreira, Thayná, Jardel, Reynan e Eliane que juntamente comigo encenaram a farsa de Inês pereira que pode proporcionar com que esse trabalho fosse produzido uma amizade que começou através da performance e que eu vou leva sempre comigo obrigado a todos do grupo a farsa de Inês pereira, .

Aos professores da escola João Caetano, do Ensino Médio que me deram apoio e suporte para estar aqui, lembro das professoras Tenilda, Aurineide, Rosângela e os demais. Não podendo deixar de mencionar a diretora Lusitânia.

Venho agradecer aos professores da Universidade Federal da Paraíba que contribuíram para toda minha formação continua, e focada. Menciono aqui, Vânia Vasconcelos, Judy Rosas, professora Betânia, Fátima Melo, Priscila da área de Clássicas, professora Vilma, Sérgio Castro Pinto, professor Rinaldo, a professora Andressa e aos demais docentes que fazem parte da formação do curso de letras- portugueses.

Agradeço ao Comitê de Inclusão e Acessibilidade da UFPB, que me proporcionou todo o apoio para chegar a defesa deste trabalho. E agradeço aos meus apoiadores que desde o início do curso me deram auxílio e que contribuíram também com a formação, foram eles Zirleide, Ramon, Rael, Yasmim, Karla, e Franciele Alves que muito mais que apoiadores se tornaram grandes amigos que estão guardados em meu coração.

Não podendo deixar de agradecer às amigas de longas jornadas, Amanda Flor, Amanda Modelo, Fany e Denize que dividiram comigo várias viagens em ônibus universitário e que ficaram para a vida toda. Aos meus amigos que estão diariamente ao meu lado Edileuza Maria como Milene lira e Rose, que é uma parceira desde o ensino médio que esteve sempre do meu lado em todos os momentos; a minha amiga Franciele Alves que aguenta meus dramas e desesperos e que está comigo nos melhores e piores momentos, e a W. S que também me ajudou muito.

Agradeço também a minha prima Karla Vanessa Araújo que foi uma grande responsável pela contribuição e ajuda na elaboração deste trabalho. De modo especial preciso

agradecer a Aline Ferreira pela adaptação da farsa vicentina que possibilitou o conteúdo inicial para a elaboração deste trabalho.

Agradeço a Ruan que sempre se fez presente em minha vida e se tornou alguém extremamente especial nos meus dias. E não posso deixar de mencionar a pessoa que mais participou de toda minha trajetória aqui na universidade, que sempre esteve ao meu lado, que vivenciamos todas as apreensões que passa um aluno de graduação para poder alcançar seus objetivos, meu grande companheiro Raul Lázaro. Não só tenho em você um amigo, mas um filho também e uma amizade que durará para sempre se assim Deus permitir.

Agradeço as professoras da banca examinadora, Edileide Godói que muito me incentivou a não desistir do curso, só tenho a agradecer por suas palavras de incentivo. A professora Edilza Maria que conheci a pouco tempo, mas, já me possibilitou conhecer ainda mais a fundo a arte cênica, agradeço por me mostrar o que o teatro pode proporcionar para um professor em formação.

Por fim, agradeço a minha orientadora Luciana Calado por me possibilitar conhecer a farsa vicentina e a literatura medieval e foi através de sua disciplina que eu realmente pude me encontrar como pessoa e como uma futura educadora e também descobrir que através de um sorriso podemos contribuir para termos um mundo mais alegre e consequentemente melhor.

“Só desperta paixão por aprender quem tem paixão por ensinar”

RESUMO

A formação de docentes inicia-se no ingresso à uma instituição de ensino superior, porém ela é continuada, ela implica em uma reflexão permanente acerca dos objetivos e da didática proposta ao longo da carreira acadêmica. O trabalho teve como objetivo mostrar o impacto do teatro na formação docente através de um relato de experiência. Para tal, é necessário entender que performance é, de modo geral, o ato onde um indivíduo dá vida à uma obra inanimada. E para tal embasamento usou-se os teóricos Paul Zumthor (2014), Renato Cohen (2002) e Jacó Guinsburg (2007) que trabalham a categoria performática. O teatro tem uma ligação muito íntima com a performance, é nele onde um público vai contemplar à uma peça/performance. A partir de uma adaptação para um seminário proposto por uma professora na graduação, pude vencer um bloqueio de me expressar em público e criar um empoderamento. Foi possível concluir que essa experiência proporcionou enxergar o teatro como instrumento no processo de formação de professores.

Palavras-chave: Teatro; Performance; Formação docente; Gil Vicente.

ABSTRACT

The training of teachers begins at the entrance to a higher education institution, but it is continued, it implies a permanent reflection on the objectives and the didactics proposed throughout the academic career. The work aimed to show the impact of theater on teacher education through an experience report. To do this, it is necessary to understand that performance is, in general, the act where an individual gives life to an inanimate work. The for theoretical background the Paul Zumthor (2014), Renato Cohen (2002) e Jacó Guinsburg (2007). The theater has a very close connection with performance, it is where an audience will contemplate a play / performance. From an adaptation to a seminar proposed by an undergraduate teacher, I was able to overcome a blockade of expressing myself in public and creating empowerment. It was concluded that this experience allowed us to see theater as an instrument in the process of teacher education.

Keywords: Theater; Performance; Teacher training; Gil Vicente.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1: PERFORMANCE TEATRAL E FORMAÇÃO DOCENTE.....	12
1.1 Performance e formação docente.....	12
1.2 Teatro e ensino: Projeto pedagógico de Brecht.....	14
CAPÍTULO II: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA: TEATRO NA FORMAÇÃO DOCENTE	17
2.1 A farsa de Vicentina como jogo de aprendizagem nas aulas de Literatura Portuguesa	18
2.2 Um processo de empoderamento.....	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS.....	26
ANEXOS	28
APÊNDICE.....	31

INTRODUÇÃO

A formação de professores dá-se ao ingressar na instituição de ensino superior de licenciaturas. Esta formação constitui-se em um processo que implica na reflexão permanente e nas suas práticas, o seu objetivo e as lógicas que guiam a sua concepção de educador/a enquanto sujeito que transforma e ao mesmo tempo é transformado pelas próprias possibilidades da sua profissão.

No sentido histórico, a formação de professores obteve um grande avanço a partir da década de 1970, com o I Seminário da Educação Brasileira, realizado em Campinas, mais precisamente no ano de 1978. Foi a partir desse dado momento que os/as professores/as passaram a ser protagonistas críticos da sua própria história, participando de eventos acadêmicos, elaborando pesquisas, podendo até interferir nas políticas governamentais de forma contundente.

Desde então, os/as educadores/as ganharam voz e vez, mesmo que a passos lentos, a participação na construção da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), Projeto Político Pedagógico (PPP) e a construção dos planos de aula com autonomia foram conquistadas; Já nos dias atuais, nós educadores, temos liberdade na hora de construir nossos planos de aula de uma forma mais criativa fazendo uso de uma didática lúdica e prazerosa, para que os alunos aprendam o conteúdo com mais facilidade e assim tornando a aula cada vez mais atrativa tanto para os alunos quanto para os professores que obtém o êxito na sua sala de aula.

Segundo Campos (1986):

A ludicidade poderia ser a ponte facilitadora da aprendizagem se o professor pudesse pensar e questionar sobre sua forma de ensinar, relacionando a utilização do lúdico como fator motivante de qualquer tipo de aula (CAMPOS, 1986, p. 111)

Portanto o educador que oferece atividades lúdicas como jogos, brincadeiras, leituras compartilhadas, música e teatro despertam em seus alunos motivação, autonomia, confiança e aprendizagem satisfatória. Em segundo lugar vem o prazer, curiosidade, responsabilidade e socialização. Todas as atividades citadas acima fazem com que os/as estudantes tenham uma aprendizagem significativa; entretanto, o foco deste trabalho de conclusão de curso é o teatro como instrumento na formação do professor.

O presente trabalho pretende discorrer sobre a importância da performance na formação acadêmica, a partir do que nos apresenta Paul Zumthor (2014).

A partir de um relato de experiência, serão propostas reflexões acerca do impacto e das aprendizagens que as apresentações de teatro as quais mencionarei no decorrer do trabalho, trouxeram à formação docente que atuaram na farsa, apontando a relevância do teatro para a formação do professor de Língua Portuguesa, uma vez que é capaz de proporcionar avanços significativos em sua performance acadêmica e profissional.

No decorrer do relato, serão apontados os avanços obtidos a partir da experiência de perpassar pela graduação e ter a oportunidade de deparar-se com didáticas que contribuem na desenvoltura dos estudantes em sala de aula, o que corrobora imensamente para sua futura atuação como professores e professoras. Uma vez que, tendo ciência que se estar em processo de formação e aprendizagem.

O trabalho é composto por 2 capítulos, um capítulo de fundamentação teórica, onde se é apresentada reflexão acerca do conceito de performance e do processo de formação docente; no segundo capítulo, falarei sobre o meu relato de experiência e toda a conquista de um empoderamento; e por fim, as considerações finais do trabalho.

CAPÍTULO 1: PERFORMANCE TEATRAL E FORMAÇÃO DOCENTE

Este capítulo trará reflexões acerca de performance, seus conceitos e aplicações, bem como as definições de Renato Cohen, Jacó Guinsburg, Paul Zumthor e outros autores importantes da área. O capítulo mostra, também, o projeto pedagógico de Brecht e como ele pode ser usado como ferramenta, ao associar o teatro e o ensino, no processo de desenvolvimento do conhecimento.

1.1 Performance e formação docente

Performance é definida por Renato Cohen (2002) como uma expressão cênica, um indivíduo dando vida a um quadro para uma plateia. Para que uma performance seja caracterizada, é necessário que haja uma ação contextualizada em um dado local num espaço de tempo para um público-alvo.

Seguindo essa linha de raciocínio, Jacó Guinsburg (1980) traz um conceito de expressão cênica a partir de uma tríade básica, como representada na Figura 1. Para o autor, na ausência de algum elemento, não há performance.

Figura 1 - Tríade da expressão cênica



Fonte: Próprio autor (2019).

Segundo Paul Zumthor (2014), a performance é um modo vivo de comunicação poética, que engloba a comunicação de forma mais ampla consiste em ser uma palavra pequena, mas que mostra conceitos próprios. A leitura de um texto poético ou literário expressando sentimentos, performando em “*Lectures*”, chama a atenção dos seus leitores para o texto ali exposto.

Zumthor traz sua definição para performance no seguinte trecho:

Quanto à presença, não somente a voz, mas o corpo inteiro está lá, na performance. O corpo, por sua própria materialidade, socializa a performance, de forma fundamental [...] A performance é uma realização poética plena: as palavras nela são tomadas num único conjunto gestual, sonoro, circunstancial tão coerente (em princípio) que, mesmo se distinguem mal palavras e frases, esse conjunto como tal sentido (ZUMTHOR, 2005, p. 86-7).

Essa visão que o autor expõe, pode ser utilizada como ferramenta em sala de aula na formação dos estudantes universitários, rodas de leituras (sejam elas poéticas ou não), incentivando a interação e o desenvolvimento de cada um.

Na performance está englobada a percepção dos textos literários possibilitando que a leitura possa estar mais próxima dos leitores, a fim de identificar e desenvolver como ato literário. A própria interpretação do ator se faz presente para que seja caracterizada como performance, a partir dessa afirmativa, vemos que há um elo tênue entre a literatura e a performance no ato de aprendizagem.

É percebido que, para Zumpthor, o ator é este elo entre o texto escrito e o público ao qual ele está sendo levado. Portanto, a performance e a forma como os atores e atrizes se colocam aos expectadores é em uma perspectiva de conduzi-los ao texto, imersos na ludicidade do teatro.

O atuante não precisa ser necessariamente um humano, porém, este elemento (que pode ser um objeto) deve cumprir sua função na construção da performance. Texto pode ser definido como um conjunto de signos, sejam eles verbais ou icônicos que podem ganhar uma forma física, plástica, tridimensional com o atuante performático (COHEN, 2002). O público pode ser dos mais diversos, cabendo ao artista idealizador da performance, determinar qual seria seu alvo durante todo seu processo de estudo e montagem da cena.

O termo performance indica ação seja ela no âmbito artístico ou cotidiano. À luz de Ramirez (2017), muitos termos são utilizados para remeter a manifestações performáticas: *Performance Art*; *Body Art*; *Happening*; *Live Art* e *Lectures*.

Segundo Glusberg (2007), *Body Art* é usado para referir às manifestações artísticas que utilizam o corpo como instrumento para a expressão. *Happening* tem relação direta com o improviso, coisas que acontecem eventualmente no cotidiano e esse é seu principal fator, ou seja, deve ser algo natural e inesperado, não podendo ser algo programado (RAMIREZ, 2017). O termo *Live Art* traz uma ideia mais ampla, ligada à música, teatro, dança, artes visuais, etc. *Lectures* ou “Leituras” em português, é usado para aquelas manifestações ligadas a obras literárias, muito utilizada em meados de 1960 nos Estados Unidos (RAMIREZ, 2017).

No geral, cada termo utilizado possui uma característica específica que, por ser tão ínfima, acabam se mesclando e convergindo para uma definição comum, mais generalista.

O teatro tem uma ligação muito íntima com a performance, é nele onde a maioria das performances acontecem. Etimologicamente a origem da palavra teatro vem do grego *Theatrón*, que significa “lugar de contemplar” (CEBULSKI, 2018). O teatro é antes de qualquer coisa uma arte que se envolve a literatura e a encenação, portanto funciona como ferramenta de ensino ou mesmo como estímulo de aprendizagem.

Nesta perspectiva o teatro desempenha um papel fundamental na vida dos estudantes, visto que facilita no desenvolvimento tanto da criança como adolescente ou até mesmo do adulto, fazendo com que estimule o interesse pela leitura, possibilitando a socialização principalmente auxiliando na aprendizagem dos conteúdos que são propostos pelas instituições de ensino, como afirma Reverbél:

O ensino do teatro é fundamental, pois, através dos jogos de imitação e criação, a criança é estimulada a descobrir gradualmente a si própria, ao outro e ao mundo que a rodeia. E ao longo do caminho das descobertas vai se desenvolvendo concomitantemente a aprendizagem da arte e das demais disciplinas (REVERBEL, 1997, p. 25).

Para o pesquisador, o teatro estimula aprendizagem das crianças no início de seu processo de escolarização. No entanto, o teatro vem adquirindo espaço importante nas universidades pois, auxilia o professor orientador a dinamizar e incluir.

Dinamizar porque, ao sair da academia o estudante então formado irá deparar-se com uma realidade complicada em sala de aula onde a cada dia o docente precisa renovar-se metodologicamente para atender as necessidades de aprendizado da turma. E por outro âmbito precisa-se ocorrer processos de inclusão, porque, mesmo estando em formação muitas vezes o estudante se encontra retraído dentro de sala de aula, e o teatro fora neste caso, o que mais somou na vida acadêmica.

I.2 Teatro e ensino: Projeto pedagógico de Brecht

Para Bertolt Brecht a aprendizagem pode ser didática possibilitando uma melhor aquisição para desenvolver o conhecimento do indivíduo estabelecendo que na trajetória de entendimento relativo à educação que vem desde a.C. com Aristóteles e Platão que teve uma grande contribuição no lúdico. Podem-se observar que, os jogos paradidáticos devem ser trabalhados de forma a aprimorar a progressão do raciocínio do indivíduo propiciando que o teatro didático fora importante para a aprendizagem através de brincadeiras (KOUDELA, 1991).

Outro ponto primordial para ser trabalhado é a parte da prática de leitura que pode ser compartilhada em grupo, o texto vai desempenhar um papel fundamental para se tornar parte das cenas teatrais que podem ser executados pelos participantes e isso faz parte do jogo de artes cênicas, um instrumento solidificado que fica marcado simbolicamente na performance corporal do ator. Koudela diz que:

O consenso de especialistas afirmava que as peças didáticas pertenciam a fase de transição no pensamento de Brecht, à qual se seguiu, no final da década de 30, a fase madura do ‘teatro épico /dialético’. Via de regras, as peças didáticas foram estudadas á margem ou esteticamente desqualificadas, a partir de pontos de vista artísticos e/ou políticos fixados a priori, que impediam o acesso à sua poética. (KOUDELA, 1991 p. 1-2)

Segundo Brecht, a peça didática tinha a intenção de envolver-se na conformação geral do seu ofício, edificando enquanto a nação teve que resolver as diferenças da sociedade que era dividida por classes que pedagogicamente permite ser uma criação ou de outro modo é exatamente um formato psicológico com a investigação científica da peça didática.

O papel que tem o teatro no estabelecimento da relação funcional entre infraestrutura e superestrutura é esclarecido pelo texto. A Grande e a Pequena Pedagogia, que constitui um escritor chave para compreende o projeto pedagógico de Brecht. (KOUDELA, 1991, p. 13)

Para Brecht, construir a partir da transcrição de um projeto em grupo para o anfiteatro que pode proporcionar para “a pequena pedagogia” tende a preparar pessoas sem nenhuma formação sobre dramaturgia para poderem assim atuar. Segundo o mesmo, apenas se o teatro ocorrer de uma forma democrática, ou seja, mesmo permanecendo com sua antiga função, atores ativos e espectadores passivos, entre os que ensinam e aprendem, a diferença da pequena pedagogia para o teatro burguês é que ela trata de trabalhar com pessoas que não possuem experiência no teatro.

O dramaturgo iniciante é visto de forma diferente, na maioria das vezes. É difícil um amador ser realmente reconhecido, nas peças profissionais ou então até em pequenas montagens cênicas para trabalhos ou apresentações eventuais, e é justamente isto que Brecht vem quebrar com sua teoria sobre a “pequena pedagogia”, dando assim uma explicação e fortificação da teoria de que um amador também é um artista.

Ele destaca também que a subjetividade de cada ator é um fator importante e ele usava das peças para demonstrar as diferenças de poder na sociedade que ele habitava, os atores traziam estas marcas por viverem na prática toda essa realidade. Com isso pode-se perceber que a “pequena pedagogia” é este fato de trabalhar com atores iniciantes. Esta teoria de

Brecht vem proporcionar embasamento para junto com o trabalho de ensino em sala de aula, a formação aconteça de forma mais rica e didática.

Com essa determinação fica claro que o teatro com amadores é uma fase preparatória, ou um exercício preparatório para a grande pedagogia. Para a “pequena pedagogia”, Brecht identifica um espaço de tempo, durante o qual teria aplicabilidade: o período de passagem para a primeira revolução (KOUDELA, 1991, p.14).

Com esse pressuposto de Brecht vê-se que a teoria da “pequena pedagogia” vem trabalhar com o público, de maneira lúdica justamente para utilizar o teatro na prática. Brecht quer tratar justamente nesta questão de trazer para a realidade a possibilidade de deixarem de ser apenas espectadores, e passarem assim a ser ativos e terem um papel fundamental, ou seja, para que eles percebam que o trabalho de cada um na construção da atividade para didática, é de suma relevância que assim desenvolvam a capacidade de observar o todo da sala e desta forma que possam melhor se desenvolver na sua capacidade profissional futuramente.

É sabido que a peça está inserida no universo do teatro, que por sua vez se conecta com o mundo, ou seja, as peças geralmente nos trarão fatos que nos remetem a questões sociais e/ou políticas no cotidiano em que as pessoas estão inseridas, e esta teoria de Brecht vem trabalhar com esse denominador do dia-a-dia das pessoas inseridas naquele contexto.

Com isso, é percebido que ele quer revolucionar com seus escritos, possibilitando explicar a realidade de que os atores amadores e especialmente aqueles que são tímidos ou retraídos possam se comunicar de forma melhor, tanto na peça quanto na vida acadêmica, profissional e pessoal e concedendo por meio das peças que forem trabalhadas a uma interdisciplinaridade.

E desta forma somando os aparatos teóricos sobre teatro, ensino e aprendizagem juntamente com o relato de experiência que iremos tratar no segundo capítulo, percebe-se que, de fato este recurso didático dentro de sala de aula contribui imensamente para a formação universitária. O aluno passa a ser muito mais ativo, desenvolve, passa a estar num processo de interação com o professor, a turma e até mesmo com os futuros alunos, após formado.

E tomando por exemplo o presente relato, se percebe a evolução que ocorreu por meio de uma ferramenta didática que traz para o aluno, emancipação, qualidade de vida emocional e especialmente empoderamento. Foi possível perceber que durante esta experiência, possibilidades foram sendo apresentadas e atitudes foram sendo constituídas para poder-se buscar sempre um ensino lúdico, interativo e que se preocupe com a desenvoltura do aluno em questão.

Partindo deste processo de promoção à autonomia, poder buscar também emancipação para outros estudantes e colegas, através de atividades como tal.

CAPÍTULO II: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA: TEATRO NA FORMAÇÃO DOCENTE

Neste capítulo trataremos do relato de experiência, onde será descrito o processo de idealização, montagem, apresentação e o impacto que esta experiência gerou aos seus participantes, sobretudo a mim. Discorro também sobre um processo de empoderamento que obtive a partir desta experiência e como ele foi importante para o meu crescimento acadêmico e profissional.

Minha primeira experiência com o teatro foi no ano de 2014, na disciplina de Teoria da Literatura, administrada pelo professor Amador Ribeiro, com a finalidade de promover uma atividade quantitativa, com a proposta de assistir aulas de leitura, uma das oficinas abordada era “Leitura e Performance” o conto usado era o Jacaré com dor de dente do autor Walcyr Carrasco, fui a protagonista do conto, o objetivo principal era conscientizar os alunos como se posicionar diante do público, voz e a forma gestual; E este foi o primeiro passo para que percebesse a importância que o teatro tem na formação de uma profissional da educação.

Em outro momento usou-se o mesmo conto durante o curso de extensão da UFPB, organizado pela professora Judy Rosas, onde trabalhava-se com contos e histórias, com crianças caixaras que estavam situadas na praia da Penha, a maioria daquelas crianças tinha pouco acesso à leitura, foi usado a mesma performance, e se pode perceber mais uma vez a importância que também causava nas crianças que estavam a presenciar.

E pode-se assim contribuir com o processo de conscientização sobre a fundamental importância da escovação dos dentes naquela oportunidade. Para além desta tomada de consciência, foi possível perceber que as mesmas puderam interagir e desta forma desenvolver atividades a partir da performance apresentada.

Foi a partir destas experiências que se percebeu a relevância de trabalhar com o teatro, pois ele auxilia tanto na formação de professores quanto na aprendizagem dos alunos. E na condição de aluna retraída, tímida de início. Na oportunidade de enxergar que estas práticas ajudam a didática de aulas e atividades e que não só a minha pessoa, mas, também aos ouvintes e expectadores. Foi decidido então, buscar meios de encontrar-se na universidade por meio do teatro.

No ano de 2017, na disciplina de Literatura Portuguesa I, foi percebido outro momento com o teatro dessa vez já ciente da sua importância e com uma responsabilidade maior, foi encenada a peça “A Farsa de Inês Pereira” do autor Gil Vicente, com o objetivo de compreendermos a vida e a obra do mesmo, e seu respectivo contexto de produção. As fotos podem ser encontradas em anexos desta apresentação.

A partir desta performance foi possível trabalhar algo pessoal, pois, desenvolveu-se a oralidade, desenvoltura e o saber se colocar diante do público de forma coerente e já com uma certa postura profissional que dali por diante pretenderia usar na minha vida enquanto profissional da educação.

2.1 A farsa de Vicentina como jogo de aprendizagem nas aulas de Literatura Portuguesa

Discutiremos brevemente sobre a experiência de uma dramatização da “Farsa de Inês Pereira”, de Gil Vicente, que ocorreu na disciplina de Literatura Portuguesa I, da Universidade Federal da Paraíba, em 2017, bem como o seu impacto na formação de professores e com base no meu relato de experiência de como o teatro é importante e decisivo no âmbito acadêmico e na formação de professores.

Comparado a grandes nomes da literatura ocidental, como Homero, Camões e Shakespeare, Gil Vicente é considerado o maior teatrólogo português, embora não se saiba exatamente o ano de seu nascimento nem o da sua morte (SPINA, 1989).

Contudo, sabe-se de sua grande influência no seu tempo de vida na corte portuguesa, privilegio do qual se valia para atacar as mazelas de todas as classes sociais através do teatro. Seja o homem do campo, o rei ou o Papa, ninguém escapa da sua sátira. Os vícios e costumes da época não passaram despercebidos pela sua obra, de modo que divertia ao mesmo tempo em que exortava. Não criticava as instituições, mas os homens que nelas agiam de maneira errônea.

Em busca da racionalização da fé, Gil Vicente chegou a proferir sermões contra as superstições dos homens religiosos, como a explicação de catástrofes naturais Spina aponta que ele vivenciou pelo menos quatro reinados, de D. Afonso V a D. João III, bem como as diversas mudanças na história e na sociedade portuguesa.

Gil Vicente também teve importante atuação no Cancioneiro Geral, de Garcia de Resende (vol.V, pgs. 261-263), o qual muito o elogia por sua obra na dramaturgia portuguesa:

[...] a presença expressiva do estilo – como quem diz a superioridade estilística do texto literário –; a constante renovação dos temas e das formas, a primazia dessa arte em terras portuguesas e a superioridade de suas criações, pelo talento cômico e pela estrutura doutrinária dos seus temas (SPINA, p. 9, 1989).

Apenas após Gil Vicente, no século XVI, foi possível pensar o teatro em Portugal. Ele teve como inspiração inicial o espanhol Juan del Encina e seu teatro eglógico/pastoril, desde o Monólogo do Vaqueiro (1502), a sua primeira peça, e o Auto da Índia (1509), sua primeira obra cômica. Logo se destacou e sua obra superou a estética espanhola, consolidando o gênero em Portugal. Ele consegue unir o teatro religioso ao da crítica social, se consagrando no gênero alegórico e romanesco com a sua obra mais bem avaliada, a Farsa de Inês Pereira.

Esta farsa foi adaptada por Aline Ferreira, estudante do curso de Letras-Português da Universidade Federal da Paraíba, e apresentada em três momentos diferentes na UFPB: na aula de Literatura Portuguesa I, em 2017; na Tabacaria da Beliza, evento em homenagem à professora Beliza Áurea que ocorreu na Semana de Letras, em 2018; e no evento de encerramento do curso pré-universitário promovido pelo PET/Conexões de Saberes “Acesso e permanência de Jovens de origem popular à universidade: Diálogos comunidade-universidade”, em 2018. As fotos podem ser encontradas em anexo, p 28.

Neste capítulo farei o relato de uma experiência, ocorrida a partir de uma atividade solicitada na disciplina de Literatura Portuguesa I. Foi solicitado a cada grupo um seminário sobre determinado tema abordado na disciplina. A nosso grupo foi solicitado a apresentação de uma peça de Gil Vicente. O grupo decidiu, então, apresentar o teatro de Gil Vicente, a partir da performance de uma farsa. A peça escolhida foi A Farsa de Inês Pereira, que havia sido estudada em sala. O meu grupo decide, então, de montar um grupo teatral abordando sobre a farsa de Inês Pereira do teatrólogo Gil Vicente como fora este caso. No entanto, para que isso pudesse dar certo, foi preciso do apoio por partes dos educadores e muitas vezes da família, tendo em vista que nas escolas existem alunos tímidos, vergonhosos, entre tantas outras questões. E tais estudantes são desafiados para montar uma pequena peça, os alunos são convocados para praticar rodas de leituras e poemas eles se transformam como se eles assumissem uma postura de ator ou de um poeta, tomando a responsabilidade para si, mostrando que são capazes de realizar aquilo que lhe foi proposto.

Gil Vicente considerado o pai do teatro português, e, partir da escolha do tema, veio a ideia por parte de Aline de fazer a apresentação de uma pequena peça sobre a farsa de Inês Pereira, sendo o elenco da peça: Elisângela como Brás da mata, Aline com mãe de Inês Pereira, Thainá como Inês Pereira, Jardel como Però Marques, Lane como Lianor Vaz, e o

Ermitão interpretado por Renan Silva posteriormente. Decidimos entre o grupo o que cada um iria trabalhar no seminário, fiquei com uma parte para fazer uma comparação da barca do inferno do auto da compadecida e de morte e vida Severina, apontando uma semelhança na peça ou na história entre as três e também fazer uma comparação com os acontecimentos da atualidade. Os demais do grupo apresentaram as suas partes que fora um sucesso, em seguida apresentamos a peça que foi um elemento surpresa para todos da turma e para professora. Para que isso tudo saísse como planejado, marcamos cinco ensaios só que, por motivos de força maior, apenas um ensaio deu realmente certo, onde todos puderam ensaiar a peça por completo. Os quatro ensaios anteriores faltavam um ou dois integrantes, porém, passávamos as suas falas para não prejudicar o andamento da peça. Mesmo com todo esse sufoco conseguimos apresentar a peça, embora que no dia da peça eu Elisângela e Lane estávamos adoentadas. Tudo correu bem na apresentação do seminário, foi maravilhoso fazer todo mundo sorrir, além da professora ter gostado da apresentação de todo mundo.

Inês Pereira, jovem sonhadora, coisificada pelo trabalho doméstico, resolve fugir à monotonia da vida casando-se com o homem que idealizara. Desprezando um pretendente rico e tolo, realiza seu sonho. Contudo, seu marido, que não passa de um malandro, a explora e maltrata. Morto o esposo na guerra, Inês Pereira toma consciência do real.

É desse simples enredo, sem muita complicação, que Gil Vicente tira a moralidade de sua farsa. Entendendo que a sociedade de seu tempo era corrupta, guiada por interesses materiais e desprovida de sinceridade nos propósitos, o autor procura mostrar a história de um aprendizado. Inês Pereira, ao passar pela experiência conjugal, aprende uma lição que marca para sempre: o mundo é dos espertos, dos mais adaptados ao jogo do ser/parecer.

Durante uma das cenas da peça na sala de aula, todo mundo caiu na risada e em seguida fomos aplaudidos pela turma que manifestaram-se dizendo que a peça tinha sido ótima e muito engraçada, recebemos também elogios da professora, falando que a peça foi maravilhosa e nos convidou para apresentar a peça no V Seminário de Estudos Medievais na Paraíba que aconteceria na UFPB, em novembro de 2019.

Foi a partir dessa experiência que aprendi a perder a vergonha e a timidez de falar em público, comecei a melhorar significativamente na apresentação dos seminários e já nessa primeira apresentação eu senti uma diferença muito grande. Quase um ano se passou depois dessa apresentação quando, em um segundo momento, recebemos o convite da professora

Luciana para fazer uma homenagem à professora Beliza¹, que trabalhava com cordéis, literatura medieval e cultura popular junto com ela, e a peça seria uma homenagem, portanto, oportuna e simbólica nessa ocasião, .

Para esta apresentação, começamos a fazer reuniões para estudar mais o texto, pois se faziam mais de 6 meses que tínhamos nos apresentado pela primeira vez, foi quando um detalhe chamou muito atenção de um dos componentes da peça, e ele expôs a ideia de não fazer o personagem manco (personagem dele), pois a professora Beliza tinha uma deficiência e isso fez com que ele tivesse receio da gente sofrer algum preconceito sobre isso ou achar que nós estivéssemos zombando da professora homenageada, por isso optamos por não atuar com a peça original, houve uma adaptação da peça tirando o manco e colocando o personagem com outra característica. Nesta nova peça, além de tirar o personagem de manco e o personagem interpretado de outro modo, foi adaptado um cavalo que na realidade era uma vassoura velha, utilizada no cenário como o cavalo de Brás da Mata, um violão que também foi visto na primeira peça, que Brás da Mata toca para conquistar Inês Pereira. A homenagem ocorreu na semana de letras e foi um sucesso graças a professora Luciana Calado que nos proporcionou essa nova empreitada como um grupo teatral, fato que só pôde acontecer graças a Aline Ferreira e aos demais do grupo, não esquecendo que cada apresentação é uma novidade. Durante as apresentações, tivemos que adaptar nosso elenco e acrescentamos mais um no grupo que representou o ermitão. Tivemos vários ensaios no anfiteatro da UFPB e reuniões em salas de aula no CCHLA ou na central de aulas, onde pudemos discutir adaptações e ensaiar. Nossa terceira apresentação foi para o PET, que tinha Aline como professora da turma de um cursinho pré-vestibular, tivemos que ensaiar por vários dias para essa apresentação porque seria para um público um pouco maior, além da pressão de saber que na plateia teriam convidados que fazem parte de um companhia de teatro profissional (CiA Alotropicus). As imagens das apresentações com a CIA Alotropicus pode ser encontrada em anexo, p. 29.

Uma peça teatral não é fácil de ser produzida tanto na escolha do elenco, como nos dias de ensaio que, são várias vezes, que o grupo se encontra para praticar a leitura de um texto.

¹ Infelizmente a UFPB perdeu a professora Beliza Áurea (faleceu em abril 2018), e isso deixou toda a comunidade acadêmica abalada por se tratar de uma professora que trabalhava com cordéis e cultura popular junto com a professora Luciana Calado.

Na parte cênica, onde pode movimentar-se e soltar a voz, mas, não se trata de algo simples até encontrar ritmos dinâmicos, em que todos os integrantes consigam interagir, trabalhando os pontos positivos e negativos de cada, e com todos estes encontros e oportunidades de desenvolver-se a cada dia vai sendo superada, tanto a timidez como também medo de rejeição.

2.2 Um processo de empoderamento

Adentrar numa universidade pública, gratuita e de qualidade como a Universidade Federal da Paraíba pode-se afirmar ser um sonho para muitos jovens e adultos que buscam uma carreira profissional no âmbito da academia, e comigo não foi diferente. Aos 35 anos de idade ingressei no curso de letras com habilitação em língua portuguesa nesta instituição, prestando a última prova do intuito vestibular, no ano de 2012.

É importante salientar que já fiz a prova com as cotas de deficiente com o laudo e um atestado médico que comprovava minha limitação em escrever, e ainda é importante colocar meu lugar nas cotas destinado às pessoas negras. Logo no primeiro período, como a maioria dos alunos ingressantes, eu não tinha conhecimento do programa de apoio aos deficientes. Foi um período muito difícil especialmente em uma disciplina do curso, onde sofri preconceito, por parte do professor da disciplina, por ser uma pessoa com limitações e ele acreditar que apenas pessoas “normais” mereçam estar num ambiente acadêmico.

Mas, quero colocar que hoje agradeço a este docente supracitado porque, o que ele fez para comigo, serviu para que eu aprendesse e me tornasse cada vez mais forte, lutando dia após dia por meus objetivos. Através de minha luta e de meu empoderamento, hoje posso dizer para tal e para todos ao meu redor que uma pessoa com deficiência pode sim, está incluída em todos os lugares, inclusive na universidade.

Pude conhecer também no primeiro período o comitê de inclusão e acessibilidade, por meio de dois anjos em minha vida chamados Vânia Vasconcelos e me indicou a professora Betânia, então coordenadora do curso. Por meio delas, fui apresentada a professora Andressa que era a então coordenadora do comitê, onde fui avaliada que novamente atestaram a incapacidade de escrever. Por meio deste laudo, tive direito a participar do programa aluno apoiador, onde pude desenvolver a parte escrita com o auxílio de um apoiador.

Vale ressaltar que, a conquista deste direito otimizou ainda mais meu mundo acadêmico, pois, pude realizar os trabalhos digitados e manuscritos, cursos de extensão, anotações nas aulas, entre tantas outras atividades corriqueiras que antes me sentia prejudicada por não poder acessar. E conhecendo esta luta das pessoas com deficiência dentro da instituição, me empoderei ainda mais para enfrentar preconceitos e mau juízo de minha deficiência, em sala de aula e fora dela.

É importante colocar que já adentrei na universidade como uma aluna tímida, mas, com o preconceito em sala de aula sofrido pelo professor, me causou um bloqueio muito significativo para minha vida acadêmica, ao qual me refiro neste trabalho. De modo que, não conseguia apresentar seminários e nem me expressar em rodas de debates. E por isso, o teatro é tão significativo e essencial para mim, meu corpo e minha mente encontram na performance uma maneira única de me colocar à frente das pessoas e desta forma poder dizer o que por muito tempo não consegui.

O teatro possibilitou ver, de várias formas, que podemos trabalhar nossa postura corporal, o modo de falar em público ou em seminários e saber controlar a ansiedade e a pressão de uma apresentação em público. Essas dificuldades foram observadas na maioria dos estudantes, não só da área acadêmica como das demais áreas de ensino. O maior medo dos alunos é a fala em público, principalmente ao fazer algum tipo de apresentação em que eles sejam observados e/ou avaliados pelos professores, e foi exatamente neste ponto onde eu tive maior dificuldade. O teatro me proporcionou perder o medo de me expressar e falar em público ou simplesmente na presença de um professor.

As artes cênicas podem trazer para o aluno inúmeros benefícios, um deles é adquirir confiança para apresentar-se à uma plateia, e não só isso, conhecer o seu corpo e o modo como ele também fala.

Após a apresentação da farsa de Inês pereira, foi possível adquirir autonomia e confiança na academia. Eu tinha um bloqueio muito grande em apresentações perante o público, e através da performance, pude ir me aprimorando nas apresentações dos seminários propostos pelos professores. Um dos momentos mais marcantes durante o curso foi em um seminário do professor Rinaldo, considerado dos mais difíceis pelo fato de quem não apresentasse bem teria que refazer todo o seminário, justo nele, obtive um bloqueio. Um ano depois, convivi com esse professor em outra disciplina, onde eu mesma atuava com a mesma temática tanto com apresentação de artigo e seminário. Tive que desenvolver um seminário

em dupla, onde eu mesma retratava o autor do poema, menina branca como a neve que é de Ferreira Goulart e o seminário foi um sucesso. O professor elogiou, tanto o poema escolhido quanto a minha performance, e com este mesmo professor, interpretei o “pato, pato aqui pato acolá”, onde ele também elogiou a performance e comentou que eu tinha melhorado consideravelmente na minha postura e dicção nas apresentações de seminário.

Uma outra experiência importante foi o vídeo poema erótico, onde eu apareço declamando um poema, perante um filme pornô, que foi um tabu muito marcante na questão de interpretação. Falar ou remeter qualquer conteúdo assim não é fácil, ainda mais pra mim, uma pessoa introspectiva, o vídeo foi apresentado com sucesso, e fiquei impactada com a minha capacidade de atuar.

Outra experiência desenvolvida foi a apresentação do CONEP de 2018 onde eu tive que atuar como coautora do projeto de currículo pedagógico junto com Jacy e Michele ambas de pedagogia (NASSAU).

Várias outras experiências que se sucederam foram bem mais maduras e leves, tive mais tranquilidade e facilidade ao apresentar-me em público. Dentre elas, posso citar um seminário bem desenvolvido da área de fonética, a apresentação foi um sucesso, fomos elogiados pela professora, o seminário foi em equipe. Um vídeo poema feito pela professora Ana Marinho, que teve a participação de Rael e Ruan, onde eu declamei um poema sentada na igreja Nossa Senhora das Neves, às margens do rio Sanhauá, um poema de Alberto Caeiro intitulado “o Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia. Outro seminário, foi o da professora Aline onde eu trabalhei em equipe, sobre Iracema e minha atuação foi bem-sucedida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após todo um apanhado teórico acerca do teatro e performance, foi possível fazer “links” com autores que mostram o seu uso para facilitar a aprendizagem e o desenvolvimento do estudante. Buscou-se refletir sobre a contribuição do teatro na formação acadêmica, como uma alternativa lúdica, mas não menos teórica, para a prática de ensino-aprendizagem.

Comprovou-se que o teatro auxilia significativamente no processo de formação do docente, uma vez que este professor terá que trabalhar com pessoas num futuro próximo. No meu caso especificamente, pude vencer o bloqueio de falar em público e controlar outros sintomas que vinham junto a ele, como o nervosismo (sudorese, calafrios, etc.) principalmente.

Apresentar um seminário em forma de teatro ampliou minha percepção de como lidar com um público, alterou o modo como eu encarava os seminários sugeridos pelos professores durante a graduação, tudo passou a ser mais simples, não havia mais bloqueio e o nervosismo tornou-se completamente controlável. Passei a ter resultados mais positivos, boas avaliações dos professores e isso fez com que eu pudesse adquirir mais experiência e solidez nas apresentações, o que foi extremamente importante para minha formação.

Além de tudo isso, após essas experiências posso afirmar que aprendi a me portar melhor em sala de aula, tanto em questão de postura corporal quanto na entonação da voz. Características que serão indispensáveis quando estiver lecionando futuramente, podendo assim, ser uma educadora mais completa e preparada nesse ponto.

Acredito que essa experiência é válida para todos os estudantes de graduação, principalmente para aqueles da área de licenciatura. Poderia ser proposto desde os períodos iniciais, onde o alunado tem mais timidez e temor ao apresentar um trabalho, e perdurar nos demais períodos, onde se encontram professores mais exigentes e rígidos. Assim, evitaria que outros estudantes adquirissem o mesmo bloqueio que eu obtive e não retardariam seu curso de graduação.

REFERÊNCIAS

CEBULSKI, M. C. **Introdução à História do Teatro no Ocidente dos Gregos aos nossos dias**. Universidade Estadual Do Centro-Oeste Unicentro, 2018.

COHEN, Renato. **Performance como linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

GLUSBERG, Jorge. **A Arte da Performance**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

GUINSBURG, J. **O Teatro no Gesto**. Polímica, São Paulo. 1980.

KOUDELA, I. D. **Brecht um jogo de aprendizado**. São Paulo: perspectiva, 1991.

RAMIREZ, N. M. M. **O que é performance? Entre o contexto histórico e designativos do termo**. Revista do PPGARTES, nº 4. UFPA. 2017.

SPINA, S. **Gil Vicente – estabelecimento do texto**. 21ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

ZUMTHOR, P. **Escritura e Nomadismo: Entrevistas e Ensaios**. Trad. Jerusa Pires Ferreira; Sonia Queiroz. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

ZUMTHOR, P. **Performance, recepção, leitura**. 1ª ed. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

ANEXOS

ANEXO I



O texto da apresentação teatral, A farsa de Inês Pereira, foi adaptado por Aline Ferreira, aluna do curso de Letras Português – UFPB.

Anexo I

Foto da 3ª apresentação da farsa de Inês Pereira, que foi apresentada no Pet conexões dos saberes.



inter
rame

Anexo II

Segunda apresentação na semana de letras, homenagem póstuma à professora Beliza Auréa.



Anexo III

Estas fotos foram feitas no dia da primeira apresentação na disciplina de literatura portuguesa I. E foram usadas para fazer o estande como em forma de convite para a semana de letras.



Anexo VI

Foto também da terceira apresentação no Pet conexão dos saberes. Momento de apresentação de todos os integrantes.

Anexos V e VI

Fotos da apresentação na tabacaria da Beliza, que aconteceu na semana de letras.



Anexos VII e VIII

Apresentação com a Cia Alotropicus, no Pet conexão dos saberes.



Anexo IX

Gravação de vídeo “no botequim do Jô Soares”. Com o CIA Alotropicus.

APÊNDICE

Apêndice

FARSA DE INÊS PEREIRA

Representada em 1523, a Farsa de Inês Pereira é a mais bem acabada das peças de Gil Vicente, talvez porque já tenha uma história mais ou menos configurada, ou ainda por mostrar uma personagem com traços psicológicos. Enquanto que a maioria das obras de Gil Vicente possui apenas um tênue fio condutor, nesta peça desenha-se uma situação concreta: Inês Pereira, jovem sonhadora, coisificada pelo trabalho doméstico, resolve fugir à monotonia da vida casando-se com o homem que idealizara. Desprezando um pretendente rico e tolo, realiza seu sonho. Contudo, seu marido, que não passa de um malandro, a explora e maltrata. Morto o esposo na guerra, Inês Pereira toma consciência do real.

É desse simples enredo, sem muita complicação, que Gil Vicente tira a moralidade de sua farsa. Entendendo que a sociedade de seu tempo era corrupta, guiada por interesses materiais e desprovida de sinceridade nos propósitos, o autor procura mostrar a história de um aprendizado. Inês Pereira, ao passar pela experiência conjugal, aprende uma lição que marca para sempre: o mundo é dos espertos, dos mais adaptados ao jogo do ser/parecer.

A apresentação da peça é feita do seguinte modo:

“Feito por Gil Vicente, representado ao muito alto e mui poderoso rei dom João o terceiro no seu convento de Tomar, era do Senhor de MDXXIII.

“O seu argumento é um exemplo comum que dizem: ‘mais quero asno que me leve que cavalo que me derrube.’

As figuras são as seguintes: Inês Pereira, sua mãe, Lianor Vaz (a Alcoviteira), Pero Marques (um tolo), dois judeus (Latão e Vidal), um Escudeiro (Brás da Mata), com seu Moço, um Ermitão, moços e moças amigos de Inês.

PERSONAGENS:

INÊS PEREIRA: Thainá

MÃE DE INÊS: Aline

LIANOR VAZ: Lane

PERO MARQUES: Jardel

BRÁS DA MATA: Elisângela

INÊS PEREIRA se lamenta da vida e do trabalho doméstico enquanto varre.

INÊS - Ó Jesus! Que enfadamento, e que raiva, e que tormento, que cegueira, e que canseira!

Eu tenho que dar um jeito de me livrar dessa vida.

Coitada de mim, tenho que ficar trancafiada nesta casa como panela sem asa que sempre está num lugar? Vou passar o resto da vida costurando travesseiros?

Que vida terrível! Estou cansada... Todas são livres e eu não, todas vem e vão onde querem, e eu não...

Que pecado cometi para tão duro castigo?

Vem a MÃE DE INÊS e não a encontra trabalhando:

MÃE DE INÊS: - Bem que eu adivinhei lá na missa que minha Inês estava trabalhando como nunca! Ande, acabe logo com esse travesseiro! Por acaso hoje é dia santo ou estais doente?!

INÊS: - Oh, Deus! Tira-me deste cativo!

MÃE: - Vamos que há muito o que ser feito... Tens filhos a chorar por pão?

INÊS: - Quem dera tivesse, pois já não estaria tão sozinha!

MÃE: - Ora, como queres casar tendo fama de preguiçosa?

INÊS: - Oh, mãe... Como podes dizer isso de mim?

MÃE: Não te apresses, Inês! “Maior é o ano que o mês!” Quando menos esperares, virão maridos a pares e filhos de três em três!

INÊS: Assim Deus me dê o paraíso, que não precise mais trabalhar... (suspiro)

MÃE: Olha, lá vem Lianor Vaz...

INÊS: Vixe, e vem se benzendo!

Entra LIANOR VAZ.

LIANOR: - Estou muito amarela?

MÃE: - Mais ruiva que uma panela!

LIANOR: - Jesus! Jesus! Que farei? Devo ir ao Rei ou ao Cardeal?

MÃE: Que mal te sobreveio, mulher?

LIANOR: - Te direi: Estava eu vindo por ali, ao redor da minha plantação, e um clérigo, mana minha, lançou mão de mim... Disse que queria saber se eu era fêmea ou macho.

MÃE: - Uiii! Seria algum rapaz que brincava por prazer?

LIANOR: - De fato, era um belo homem! Fiquei tão rouca que não consegui falar! Não fosse isso, teria gritado... Mas logo o diabo me deu catarro, dor no peito e vontade de rir, tudo para que eu não conseguisse fugir! Irei ao cardeal contar esta aventura...

Conte-me sobre Inês... Está arranjada para casar com alguém?

MÃE: - Até agora, com ninguém! Ela está embaraçada com ela mesma!

LIANOR: - Ora, em nome do anjo bento eu vos trago um casamento!

INÊS: - Olhe só, Lianor! Não me casarei senão com homem esperto! Mesmo que pobre e pelado, que seja discreto em falar e cavalheiro no andar!

LIANOR: - Eu vos trago um bom marido! Rico, honrado e conhecido!

INÊS: - Primeiro preciso saber se é parvo ou sabido!

LIANOR: - Leia esta carta e saberás se te agrada!

INÊS: - Mostre-me!

LIANOR: - E sabes ler?

MÃE: - Mas é claro! Latim, gramática e tudo o que ela quiser!

INÊS lê a carta de maneira silenciosa.

INÊS: - Desde que nasci, jamais vi tanta bobagem!

LIANOR: - Não sejas tão exigente! Aproveita a ocasião! Queres casar por amor no tempo de agora, Inês? Ora, não é tempo de escolher!

MÃE: - Por Deus, amiga minha! Ela é assim! Bom asno é o que me leva!

LIANOR: - E digo mais: “mais quero um que me adore do que quem me faça com que chore!”

INÊS: - Está bem, façam-no vir, nem que seja apenas para me fazer rir!

Entra PERO MARQUES, perdido, falando sozinho sobre qual seria a casa de Inês Pereira.

MÃE: - Venha, tome esta cadeira!

PERO: - E quanto custa uma desta?

INÊS: - (*Ó, Jesus! Que homem besta! Ai, que canseira!*)

MÃE: - Como se chama, amigo?

PERO: - Sou Pero Marques, como meu pai que Deus o tenha! Meu é o maior gado!

MÃE: - Vejo que é morgado! (a mãe sai de cena)

PERO: - Desejo casar-me com Inês, que fez de meu coração namorado. Parece moça de bem, e eu de bem também sou! Olhe que lhe trago aqui uma pêra da minha pereira, para Inês Pereira.

(Pero Marques entrega a ela uma bolsa, onde estariam as pêras. Inês começa a esvaziá-la, mas não encontra as pêras.)

INÊS: - Onde estão as pêras?

PERO: - Isso nunca me aconteceu! Decerto algum rapaz a comeu! As guardei com tanto cuidado... Vinham fresquinhas!

INÊS: - Oh, não tenho dúvidas! (ironia)

PERO: - Onde está sua mãe? Ela nos deixou sozinhos? Como pôde? Preciso ir...

INÊS: (*Que asno! Todos os homens anseiam por um momento a sós com suas damas, e este vai embora!*) - Minha mãe foi dormir...

PERO: - Então devo-me ir, antes que escureça.

INÊS: - Vá, e não se preocupe mais em vir!

PERO: - Lianor Vaz há de vir e veremos o que direis a ela!

INÊS: - Homem, desapareça!

(Pero se vai dizendo: “*É deste modo que elas nos tratam...*” e retorna)

PERO: - Senhora, acha por bem um homem ficar a sós com uma dama a essa hora? Deves fechar as portas e ficar com Deus.

(Pero sai. Inês resmunga: “*Já vai tarde...*” Retorna a MÃE)

MÃE: - Pero Marques já se foi?

INÊS: - Graças a Deus!

MÃE: - Não te agradou ele?

INÊS: - Já disse e repito: Não me casarei senão com homem discreto e inteligente! Mesmo que seja feio, pobre e sem feição. E que saiba tocar viola!

MÃE: Ora, se não tiveres o que comer a viola te fartará?

INÊS: Cada louco com sua teima!

MÃE: E quem são esses escudeiros?

INÊS: São os judeus casamenteiros que passarão por aqui! (Diz Inês animada)

Chega o Escurdeiro (Brás da Mata) onde está Inês Pereira e lê a seguinte declaração:

“Antes de qualquer coisa
Deus te salve, fresca rosa
e te dê por minha esposa,
e por mulher e senhora.

Que graciosa donzela és,
tudo que eu busco e que desejo.
Fez bem a Natureza
em te dar tal condição
que amais a discrição
muito mais que a riqueza.

Bem parece
que a discrição merece
desfrutar de tal formosura
jamais vista em todo o mundo.”

(Pausa, Inês fica encantada. Brás retoma a fala.)

BRÁS DA MATA: - Sei bem ler e muito bem escrever, como podes perceber, amada minha! Também sou bom jogador de bola, já me compararam até ao Neymar! E, claro, logo me vereis tocando viola!

MÃE: - Agora posso dizer que Inês está no paraíso!

INÊS: - Que tens a ver com isso, minha mãe? Todo o mal há de ser meu também!

MÃE: - Quanta tolice!

INÊS: - Como é seca a velhice! Deixe-me ouvir e folgar, pois não me contentarei em me casar com idiotice! Que riqueza maior há que um homem ajuizado?

MÃE: - Muitas vezes é melhor a singeleza... Cuidado com os malandros!

INÊS: - Não casastes de acordo com tua vontade? Casarei de acordo com a minha!

MÃE: Casa, filha, muito embora...

LIANOR coloca o véu sobre a cabeça de INÊS.

BRÁS DA MATA: - Concede-me essa mão, senhora. (beija a mão de Inês)

Diante destas testemunhas e em nome de Deus, assim seja!

Eu, Brás da Mata, escudeiro, recebo a ti, Inês Pereira

Por mulher e por parceira, como manda a Santa Igreja.

INÊS: Eu, aqui diante de Deus, Inês Pereira,

Recebo a ti, Brás da Mata, sem demanda

Como a Santa Igreja manda!

MÃE: - Ficai com Deus, minha filha! Tens a minha benção e a casinha é sua!

Quanto ao senhor, agora que Inês é sua mulher e esposa, cuides bem dela, pois jamais esteve com outro senhor, que lhe tenhais muito amor e que sejas muito amado!

(Inês sai de braços dados com Brás da Mata e ao chegar em casa começa a cantarolar)

BRÁS DA MATA: - Por acaso estais cantando, Inês? Que seja pela última vez!

INÊS: - Oh, senhor meu marido, se assim preferes, posso muito bem dispensar o canto!

BRÁS DA MATA: - É bom que dispenses mesmo, e outras coisas mais!

INÊS: - Por que estais irritado comigo, marido?

BRÁS DA MATA: - Esteja avisada: não quero que me respondas em nada.

Também não há precisão de falares com homem nem mulher, muito menos ir à igreja.

Já fechei as janelas e não quero que fiques lá. Seu lugar é dentro desta casa, bem fechada. Serás bela, recatada e do lar!

INÊS: - Que pecado foi o meu? Por que me dais tal prisão?

BRÁS DA MATA: - Ora, não foi você mesma que buscou a discrição? Que culpa tenho eu? Quero apenas guardar o meu tesouro, minha mulher, meu ouro! Que mal há nisso?

Tudo que eu disser nesta casa será lei e tu me obedecerás! (diz isso e sai da sala)

(Lianor passa com plaquinha: **BRÁS DA MATA VAI À GUERRA**. Inês se lamenta)

Quem bem tem e escolhe mal

Não reclame do mal que lhe sobrevenha.

Veja que cavalaria, e a quantos mouros mata

Este que a sua mulher maltrata

Sem lhe dar a paz um dia!

Juro por tudo o que sou

Que se um dia for eu solteira de novo

Pois é esse o meu desejo

Que eu saiba escolher um bom marido

Sem engano

Pacífico todo o ano

E que ande ao meu lado!

Haverei eu de me vingar deste mal e deste dano!

(**BRÁS DA MATA** bate na porta da sala e entrega uma carta a **INÊS**)

INÊS: - Devem ser notícias do meu marido...

(A carta é lida em silêncio, enquanto o som reproduz)

“Honrada irmã, acalmai o coração e vos conformei ao que Deus quer. Sabei que vosso marido, fugindo da batalha, foi pego de surpresa e foi morto por um mouro. Que lamento! Que lastima!”

INÊS: - Melhor notícia não poderia ser! Desatado foi o nó! Se sinto algum dó que o diabo me arrebente! Para mim, era valente, mas foi morto por um só mouro!

Tudo o que quero agora é voltar a gozar da vida com um manso marido. Esse nem precisa ser sabido, pois me saiu muito caro cuidar!

(LIANOR vem consolar Inês, e esta finge estar chorando.)

LIANOR: - Como estais, Inês?

INÊS: - Muito triste, Lianor!

LIANOR: - Pelo menos engravidastes?

INÊS: - Quisera eu!

LIANOR: - Oh, querida, case novamente!

INÊS: - Oh, Jesus! Onde mais acharei marido tão amigo, tão sabido e discreto?

LIANOR: - Esqueça isso e buscai outro abrigo! Lembra de Pero Marques? Ainda está solteiro e herdou a fazenda de seu pai... Pena que quereis um homem sabido.

INÊS: - Oh, não! Esse tempo já passou! Aprendi a lição! Pero Marques seja! Asno que me leve quero, e não cavalo que me derrube!

(Lianor traz Pero Marques e põe o véu sobre a cabeça de Inês)

LIANOR: - Sem mais cerimônias agora, abraçai Inês Pereira por mulher e por parceira!

(Inês e Pero saem felizes.)

INÊS: - Marido, posso sair um pouco?

PERO: - Sim, mulher! Para onde quiseses ir! Como poderia eu não permitir?

INÊS: - Oh, marido... Gostaria de dar esmola a um ermitão! Não precisa vir comigo... Aquele ermitão é um anjinho de Deus!

PERO: - Arruma-te e vais!

INÊS: - Pensando bem, marido, não queres ir comigo em romaria?

PERO: - Sem dúvidas!

INÊS: - É um longo caminho. Tire os sapatos e leve-me no ombro, para que não congele de frio.

(Inês sobe nas costas do marido)

PERO: Estais confortável?

INÊS: Como no paraíso! Vamos cantar, marido?

PERO: Não sei cantar...

INÊS: Isso não será problema... Eu canto sozinha e você apenas me responderá toda vez que eu acabar: “*pois assim se fazem as coisas!*”

Marido cornudo me levades

Bem sabedes quanto vos amo

Sempre fostes escolhido para servo...

PERO: *POIS ASSIM SE FAZEM AS COISAS!*

Fim.